

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

BELÉM IS BURNING: VOGUE DANCE E CULTURA BALLROOM EM BELÉM DO PARÁ

Juanielson Alves Silva
Doutorando do Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA
Juanielsonsilva@gmail.com

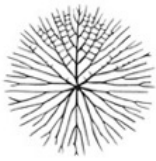
Este trabalho faz parte de minha pesquisa de doutoramento em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA que está em um movimento tão variante quando as luzes de uma boate e, nesta vertigem inicial, encontra-se alimentada por algumas palavras-potências como “corpo”, “manifesto poético”, “coreocartografia familiar” e os atravessamentos da sigla-comunidade “LGBTQIA+”. O mesmo visa refletir sobre minhas experiências performativas na festa de *Cultura Ballroom* (BAILEY, 2013), ou *ball culture*, denominada *Profunda* que aconteceu em Belém do Pará no dia 11 de agosto de 2019, e sobre minha imersão no movimento *Belém is Burning* por meio do Vogue Dance (BERTE, 2014) na pretensão de compreender estas vivências como parte de uma *coreocartografia familiar* (SILVA, 2019).

A se saber, o movimento *Belém is Burning* foi criado em 2019 por Rafael Cardoso, Rodrigo Pará e Renato Lopes, que ao acreditar nas potencialidades de transformação causadas pela dança Vogue, bem como pela *Cultura Ballroom*, investem em encontros e eventos para difundir seus pressupostos estéticos, éticos e políticos em Belém do Pará. Os encontros do grupo acontecem, habitualmente aos domingos a cada 15 dias e, além dos estudos práticos de Vogue dance, realizam rodas de conversa sobre o cenário cultural LGBTQIA+ em seus vários contextos, mas principalmente em Belém do Pará, o que estimula a reflexão sobre os corpos dos próprios participantes enquanto agenciadores da cultura, ao promover um (auto)reconhecimento e uma interrelação entre estes corpos, já que:

A ideia é expandir essas informações horizontalmente para atingir o máximo de pessoas possíveis, e assim elas poderem aproveitar os eventos e projetos que queremos trazer pra todo mundo, além de aprenderem mais sobre seus corpos, suas ideias, suas identidades, seus anseios. (Renato Lopes, relato em 24/10/2019)

Fazer parte deste coletivo, bem como outras experiências que tem como foco a cultura ballroom/queer/LGBTQIA+, tem me possibilitado um reconhecimento mais profundo de mim, um autoconhecimento provocado pela relação coletiva que estabeleço com outros corpos marginais-LGBTQIA+.

Por sua vez, a *Cultura Ballroom*, *Ball Culture*, e em alguns casos conhecida como *house/ball culture* nasceu em Nova York nos Estados Unidos da América, tendo como principais protagonistas corpos LGBTQIA+ negros e latinos americanos (BAILEY, 2013) que cansados não apenas da exclusão social em esfera macro, como também das microsegregação na própria comunidade LGBTQIA+, (haja vista que os encontros



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

entre *homens cis gays brancos* em lugares mais reservados já acontecia) começam a organizar seus próprios bailes e se encontrar para celebrar a diferença, ocupar espaços e realizar desfiles/batalhas, popularmente conhecidas como “balls”.

De forma mais plural, na qual todos e todas poderiam participar, as *balls* tornam-se estratégias de manutenção da cultura LGBTQIA+ negra e latino-americana, bem como espaços de fortalecimento desta comunidade que, como retratam o filme-documentário *Paris is burning (1991)*, tece relações políticas e afetivas em contrapartida a contexto de opressão e marginalização destes corpos.

Sendo assim, as *Balls*, são de suma importância para compreender como é possível criar mecanismos de agenciamento de afetos entre os corpos marginais, haja vista que elas “são reuniões de pessoas que não são aceitas em outros lugares. Celebrando uma vida que o resto do mundo não considera digna de celebrar” (POSE, 2018)

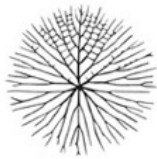
Desta forma, as *balls* se caracterizaram como espaços de sobrevivência e manutenção de uma cultura outra, uma contracultura, produzida por corpos que não se encaixavam nos padrões higienizadores sistemáticos advindos de uma cultura dominante cisgênera, heterossexual, heteronormativa e branca.

E entendendo que as culturas são sistemas moventes sempre contemporâneos aos corpos que as produzem, nos bailes da *cultura Ballroom*, desde sua origem até os dias atuais, mesmo passando por algumas mudanças, acontecem os desfiles que são divididos em categorias e se estruturam de forma representacional a partir dos contextos da vida cotidiana da comunidade LGBTQIA+.

Já a **Festa Profunda**, promovida por Henrique Montagne, Artista visual e curado independente, surge a partir de seu desejo de realizar uma festa de house music em Belém do Pará e, segundo ele, por já fazer parte do movimento Belém is Burning, em diálogo com os aos fundadores do movimento, resolveu promover uma miniball dentro desta festa.

Eu fui a *Festa Profunda* a convite do meu amigo Hian Denys, artista da dança e também integrante do movimento *Belém is burning*, na intenção de vivenciar algumas experiências para minha pesquisa de doutoramento que estava se iniciando naquele período, isso por meio de conversas com alguns amigos LGBTQIA+, por meio da performance ‘*Quando me assumi*’¹ e na participação da miniball que aconteceria dentro da festa.

¹ A performance “Quando eu me assumi” é um dispositivo de coleta sensível que experimentei naquele dia e pretendo escrever sobre isto em trabalhos futuros.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Naquela época, eu ainda não fazia parte do movimento *Belém is Burning*, então meus estudos sobre a cultura Ballroom/Vogue eram bem rasos, e ainda são, acredito eu. Mesmo assim, a fim de experienciar tal momento, seguir participando e encontrei na *ball* um novo espaço de investigação para meu corpo gay e suas expressividades em cena dançante.

Naquele momento, muitas sensações se afloraram em mim e entre elas uma perspectiva mais ampla – afetiva e política - do que poderia se tornar minha pesquisa: uma percepção de que as expressividades dos corpos LGBTQIA+ se afloram nos “espaços da noite”, nos lugares de reclusão de uma minoria que em seu fazer convencional diário são tolhidos. Corpos que encontram na noite espaços para *transgressão* que, por sua vez, “é sempre um ato de violação de conduta, uma ruptura brusca, um desvio inesperado em algum local do caminho. A transgressão, por si só, é um crime (necessário).” (NUNES, 2018, 2019, p. 84)

Transgredir, então, se tornou um novo encaminhamento para mim, não uma meta, mas uma possibilidade. Sei que de alguma forma já tenho feito esse exercício em outras instancias da vida e da dança, mas agora é uma nova experiência, um novo território. Território que repleto de subjetividades se cria, se inventa, se reorganiza, se multiplica, se interioriza, se expande, acasala e prolifera: Uma *coreocartografia familiar*.

METODOLOGIA

Para isso, debruço-me sobre a *Coreocartografia familiar* (SILVA, 2019): procedimento metodológico inspirada na *cartografia* (DELEUZE, 1995) em diálogo com a noção de *processos de criação* (SALLES, 2006) em *dança contemporânea* (SILVA, 2005) que criei em minha pesquisa de mestrado em Artes e que acredito ser:

uma compreensão da experiência coreocartográfica como uma experiência familiar, isto é, íntima, semelhante, autobiográfica que não fala apenas dos costumes e tradições de forma superficial em torno de um determinado fenômeno, [...] mas de memórias, desejos, vontades, pulsões, acontecimentos[...] um caminho que lida com os afetos, com a percepção, com a escrita criativa e com a intuição, fato que proporciona ao artista da dança a experiência a partir de si em um uma rede que se cria a partir do corpo, no corpo e para o corpo. Trecho da Carta para meu curumim (SILVA, 2019, p. 11).

No caso, deste relato, a *coreocartografia familiar* me proporciona a compreensão dos enlaces entre dança e vida, isto é, suas experiências estéticas e atravessamentos sociopolíticos. Haja vista que, na pretensão de compreender as vozes da diferença e traçar caminhos outros para a pluralidade, por meio dos movimentos de um corpo que celebra sus existência e suas resistências aos instrumentos de manutenção do ódio que constantemente tentam apagar suas subjetividades, este trabalho visa refletir sobre



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

as experiências artísticas e de vida relacionadas a *Cultura Ballroom* e a *dança Vogue*, por meio de um relato de experiência na festa *Profunda* que aconteceu em Belém do Pará no dia 11 de agosto de 2019.

Para tal, além de meu relato de experiência, convoco para uma conversa teórico-dançante autores que versam sobre tais temáticas, bem com amigos-corpos-gays que iniciaram o movimento cultural *Belém Is Burning*: Rafael Cardoso, Rodrigo Pará e Renato Lopes da Silva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participar da primeira edição da Festa *profunda*, foi de fato uma experiência profunda, e fecunda, que gerou raízes em mim e proliferou flores atraís. Nasceram outras possibilidades, outros rios a mergulhar, um verdadeiro porre criativo.

Embebido de mim mesmo e de outros corpos, como os corpos de Shamaxy Theux, Vitor Nunes, Hian Denys, Emanuel Jr, Danny Queen, Monique Amaral, artistas da dança e corpos LGBTQIA+ que também participavam da ball, e usufruíam daquele microespaço de diversas universalidades no qual poderíamos ser nós mesmos, retornei à minha rotina mais ‘enviadessido’ e mais disposto a me ‘desarmar’.

Desta forma, propõe-se enquanto fenômeno resultante deste trabalho uma reflexão sobre os corpos LGBTQIA+, a partir do meu encontro com estes corpos e de minha experiência enquanto homem cis gay em um contexto dançante. Corpos nômades “desamariados” de seus medos que em forma de guerrilha contemporânea, a partir da compreensão da subjetividade como potência agenciadora de mudanças, tratam de questões significativas para se pensar Dança na contemporaneidade.

CONCLUSÃO

O que me leva a refletir sobre meu interesse no subterrâneo, considerando que é no subterrâneo que moram os vermes, os subalternos, as prostitutas, os lazarentos, os demonizados, os viados, os corpos que jamais serão canonizados. É de baixo da terra que moram as formigas, tanto operárias, quanto as rainhas, que em suas humildes existências criam túneis, casas, corpos e trajetos para, e em seus processos de inventabilidades, fertilizarem os solos e possibilitarem tanto as suas, quanto outras existências.

Sendo assim, não me interessa o ouro, e tão pouco a prata, porque no subterrâneo o luxo não está na ostentação de posses, mas na manutenção da comunidade, e é por isso que sou corpo de pele que se cobre de cobre e em forma de cobra se livra das camadas superficiais de escamas metálicas, peles velhas de brilho e



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

avareza. É preciso se despelar para entrar na própria casa, para adentrar a terra e criar raízes. Sou Cobra, formiga e árvore.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Marlon. **Butch queens up in pumbs: gender, performance and ballroom culture in Detroit**. The University of Michigan: Michigan, 2013.

BERTE, Odailso. **VOGUE: dança a partir de relações corpo – imagem**. Dança, Salvador, v. 3, n. 2 p. 69-80, jul/dez. 2014.

NUNES, Kuan Amora. **Trilogia do Armário: encenação teatral como prática de liberdade no processo de estilização da vida**. 1 ed. Jundiaí [SP]: Paco editorial, 2019.

SILVA, Juanielson A. **Farinha poética: a coreocartografia familiar de um rito artístico**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciência das Artes. Programa de pós-graduação em Artes da UFPA: Belém do Pará, 2019.

Documentários, series e filmes

PARIS IS BURNING. Direção: Jennie Livingston. Distribuidora: Miramax Films. New York (US): 1990.

POSE. Criadores: Ryan Murphy, Brad Falchuk, Steven Canals. Distribuidora: 20th Television. New York (US): 2018.

Entrevistas

CARDOSO, Rafael. Entrevista concedida a Juanielson A. Silva em 20 de out. 2019.

SILVA, Renato Lopes da. Entrevista concedida a Juanielson A. Silva em 24 de out. 2019.

PARÁ, Rodrigo. Entrevista concedida a Juanielson A. Silva em 23 de out. 2019.